

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL: ENTRE DISPUTAS E AÇÕES NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Taise dos Santos Alves

Especialista em EJA – Faced/UFBA, Licenciada em Geografia – UNEB/Campus XI – Serrinha e
Graduanda em Pedagogia – UNEB – DEDC I.
taisealves85@gmail.com

RESUMO: A cartografia escolar é um conteúdo considerado como um enigma pedagógico. Muitos professores não sentem preparados para ministra-lo na sala de aula por considerar técnico e exato. Sobretudo a cada ano pesquisadores trazem estratégias teórico/metodológico nas quais devem ser trabalhada nas series iniciais para envolver a criança, o futuro adulto compreender a dinâmica do espaço vivido e percebido. Nesse sentido este trabalho vem apresentar e compreender o papel das cartografias participativas uma metodologia que além de abordar uma representação de lutas sociais ou seja, as emergências cartográficas, vem sendo utilizadas como recurso pedagógico no ambiente escolar já que caracteriza por uma abordagem interdisciplinar na qual trabalha a coletividade dos sujeitos envolvidos. Dessa forma o estudo trará exemplos desta ferramenta nas aulas de Geografia envolvido nas discussões da cartografia da ação social fundamentada nas pesquisas de Ribeiro (2010) e Silva (2012) podendo ser empregadas tanto nos espaços formais quanto não formais de educação.

PALAVRAS – CHAVES: Cartografia da ação social, Ensino, Geografia.

A ferramenta da cartografia para o pescador que não tem tanto costume da luta política é uma boa pra luta histórica. Pedro, Colônia Petrolândia, PE¹

Entre usos e (des)usos... Primeiras impressões

O mapa sempre foi usado pelo homem como ferramenta de orientação, localização numa comunicação constante com o espaço. Talvez essa potencialidade evidencia seu uso recorrente na ciência Geografia, já que o mesmo representa e decodifica os fenômenos que ocorrem no espaço. Para Oliveira (2007) o mapa ocupa um lugar de destaque na Geografia já que é um instrumento de trabalho, registro e armazenamento de informação além de ser uma expressão e comunicação que o torna uma linguagem. Nesse tocante concordo com Brito e Hetkowski (2009) a qual afirmam que a cartografia

¹ Depoimento extraído do fascículo 4 (Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais Mostrando sua Cara, Vez e Voz, Submédio e Baixo São Francisco) da coleção Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.

extrapola suas funções técnicas e contribui no sentido da compreensão do espaço geográfico, possibilitando ao indivíduo (o leitor do mapa) a percepção e o entendimento acerca do "mundo" em que vive.

Muitos pesquisadores como Duarte (2008) nos diz que o mapa nascerá antes mesmo da escrita e foi importante no “desvendar” do mundo. Oliveira (2007) faz uma abordagem pertinente quando destaca que os povos pré histórico foram capazes de registrar seus territórios através dos mapas exemplo dos babilônicos e egípcios. Na idade média com as grandes navegações a qual o mapa foi essencial na exploração de outros territórios fazendo - o desta ferramenta uma atividade também exploratória.

Sobretudo, mesmo reconhecendo as potencialidades da cartografia nas análises geográficas essa ferramenta na sala de aula encontra-se num enigma pedagógico. A Cartografia Escolar ganhou destaque quando seu conteúdo foi abordado nos currículos do ensino básico além de forma mais abrangente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs) para os ensinos fundamental e médio na década de 1990. Pode se considerar enfadonho o fato de constatar que há um problema de formação do professor de Geografia para ministrar esse conteúdo na sala de aula (Souza e Katuta, 2008) já que estes professores carregam um desconhecimento do mapa, reduzindo seu uso apenas para localizar lugares sem uma abordagem mais específica e reflexiva.

Nesse sentido a proposta deste artigo é fazer uma abordagem reflexivo-crítica na aplicação prática do mapa como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia nos espaços formais e não formais de educação, e para isso este estudo dará destaque a metodologia do uso das cartografias participativas a exemplo da cartografia da ação social no processo educativo. A mesma vem ganhando destaque nos movimentos sociais e debates no campo cartográfico, nas quais envolvem relações de poder na esfera da reprodução espacial (Santos 2012).

Mapas para que? Disputas cartográficas em questão

Para que de fato é usado o mapa? E porque esse recurso vem se tornando uma linguagem essencial na contemporaneidade? É inegável que nas últimas décadas a cartografia vem se destacado como uma linguagem visual necessária, principalmente com a crescente demanda das tecnologias sobretudo o uso do georeferenciamento. Essa

“revolução” ocorre a partir da década de 1980 com a microinformática acompanhada com a *internet*. Esta ação proporcionou a cartografia uma popularização já que os mapas tem disponibilidade gratuita na rede com imagens de satélite, dados, cartas ambos georeferenciados.

Dessa forma a produção e acesso cartográfico trouxe entre outras finalidades a inclusão dos diferentes grupos sociais. Sua utilização tornou-se ferramenta estratégica nas disputas territoriais. Com isso podemos perceber que a finalidade do mapa também perpassa numa abordagem colaborativa dando oportunidade de grupos sociais excluídos se auto cartografar. Nessa ótica, uso e conhecimento do mapa significa uma forma de poder. Para Harvey (2005), os mapas são mediadores do tempo e quando precisos valem ouro, já que são elementos cruciais no domínio do espaço e por isso geram lucros. Freire e Fernandes (2010) evidenciam como os mapas na conjuntura atual se transformaram numa “arma” na hegemonia do Estado, ou seja,

a legibilidade do espaço se transformou num dos maiores desafios da batalha do Estado moderno – e dos grandes capitais – pela soberania de seus poderes, controlando o cenário no qual seus vários agentes devem atuar. Este processo modernizador travou uma constante guerra em nome da reorganização do espaço (Freire e Fernando, 2010, p.02).

É importante frisar que conhecer, ler e interpretar mapas se configura na dinâmica social e geográfica que formam os diferentes espaços, além do desdobramentos dos diferentes grupos sociais. Por isso essa representação é tão importante na ciência Geográfica e mais especificamente a cartografia da ação social tem como intenção transcrever a valorização do espaço, ou seja “a experiência social, traçar realmente a transformação do território em território usado, território praticado, território experienciado” (Ribeiro, 2011, p.12). O uso desta metodologia pelas comunidades tradicionais tenta transcrever seu espaço a partir de suas demandas entre eles lutas e conflitos no campo por isso essas experiências de representação cartográfica como instrumento de lutas partem do pressuposto de sua resolução. Algumas iniciativas destes modelos cartográficos são o,

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, o grupo Iconoclastas (Laboratório de Comunicacion y Recursos Contrahegemonicos de Libre Circulacion, da Argentina), a articulação Transacciones Fadaiat (liderada pelo grupo Hackitectura, da Espanha), os mapeamentos de casas de religiões de matriz afro-brasileira no Rio de Janeiro e em Salvador, os mapeamentos indígenas como subsídios a políticas

públicas do Instituto del Bien Comum (no Peru), além de articulações de mapeadores como aquela em torno das páginas IAPAD/PPGIS ou mesmo uma mega empresa do setor de tecnologias cartográficas digitais como a ESRI, entre outros, são exemplos desta miríade de configurações que, compondo um conjunto, tensionam o campo da produção cartográfica (SANTOS, 2012, p.02).

Do que foi exposto até aqui é inegável o papel político destas “novas” cartografias por isso esse caráter colaborativo pode e deve ser um instrumento pedagógico, pois carrega a necessidade de compreender, segundo Silva (2010) as práticas, táticas, os vínculos sociais, os desencantos e os desejos dos sujeitos numa análise contextualizada de ações sociais e o mapeamento (objetivo e subjetivo) de (des)encontros com o espaço. Orientado, sobretudo, por uma Geografia da existência e por uma cartografia que valoriza cada gesto e iniciativa. Nesta direção, a denominada cartografia da ação social possibilita o exame simultâneo de formas de apropriação do espaço (tanto urbano quanto rural) e de sentidos da ação, incluindo as suas origens, objetivos, formas de manifestação e simbologia. É nesta perspectiva que as cartografias participativas se diferenciam da cartografia convencional (cartesiana). Essas relações estão exemplificadas no quadro abaixo:

Quadro 1– Análise comparativa entre a Cartografia Social e a Cartografia Convencional

| Elemento de Comparação | Cartografia Social (cartesiana ou não) | Cartografia Convencional (cartesiana) |
|-------------------------|--|--|
| Território | Representa as variáveis importantes para cada território desde um auto-reconhecimento da comunidade que participa. | Representa o que desde a modernidade se define como prioritário para a definição de Estado-nação. |
| Método | Procedimentos qualitativos onde a comunidade é o ator principal. Entre eles estão a linguagem oral e a representação simbólica. | Utilização de instrumentos rígidos para recorrer determinada informação e metodologias estatísticas. |
| Posição Política | Existe uma clara intencionalidade e postura política. | Se assume uma aparente objetividade e imparcialidade dos dados obtidos. |
| Poder | Legitima um processo em que se reconhece os interesses da comunidade como motor dos processos sociais. Assim, se cobra consciência do poder de autodeterminação e transformação do território. | É levado em conta o interesse institucional ou empresarial. |
| Representação do espaço | Combinação do espaço percebido, concebido e vivido. Representações das relações (redes de fortalecimento, fluxos) que conformam um território. | Representação do espaço percebido (euclidiano) onde prevalece o georreferenciamento. |
| Metodologia | Métodos qualitativos e participativos onde aporta a comunidade e os agentes: na elaboração conjunta do mapa se perpetua o conhecimento coletivo; no entorno cultural, que esta mediado pelas necessidades da comunidade, e as potencialidades do território que se pretende representar. | Métodos quantitativos. Grupo de especialistas. Representam o interesse da instituição e do Estado. |
| Tempo de execução | O uso de metodologias qualitativas leva a um trabalho mais dispendioso, mas com resultados menos excludentes. | Existem procedimentos que são standard que são facilmente sistematizados. |
| Sistematização | A sistematização é incipiente. É | Continua trabalhando na |

| | | |
|---------------|--|---|
| | necessário implementar algum sistema de documentação da informação coletada. | sofisticação de software e políticas de sistematização. |
| Escala | Definida pelo nível de participação. Geralmente escalas detalhadas. | Nível de agregação. Várias escalas e níveis de generalização. |

Fonte: Adaptado de Lobatón, Susana Barrera. (2009)

A cartografia da ação social no processo educativo além de ser um instrumento de mobilização contribui na reafirmação de identidades coletivas, já que perpassa pela percepção do espaço vivo e praticado destacado nos estudos de Lefebvre (1976), pois nessa linha de análise concordo que não irá perpetuar pela neutralidade do espaço dos sujeitos que nele fazem a ação. E quando há uma consciência deste discurso não se pode mascarar a realidade em contrapartida uma perpetuação de sua neutralização evidencia a “magia ideológica” na qual “entendemos que um dos fatores que acabam por proporcionar essa visão opaca da realidade é a negligência do espaço na análise da sociedade” (Fernandes, 2009, p. 62).

Na busca de uma compreensão mais ampla desta metodologia, Santos (2012) (re)afirma o papel social deste mapeamento e elucida que,

Isto aparece como manifesto e enunciado por parte de produtores das cartografias, leitores e usuários, todos sujeitos conscientes de múltiplas dimensões políticas inerentes ao objeto e à ação cartográfica. Neste sentido, tanto no Brasil quanto nas mais diversas partes do mundo, objetos cartográficos vêm sendo utilizados como leituras (sociais) do território que são confrontadas às leituras oficiais e/ou de atores hegemônicos, mas também como instrumentos de fortalecimento de identidade social e de articulações políticas (Santos, 2012, p. 04).

Deste modo, utilizando-se desta metodologia no processo educativo pode “provocar” além de uma posição política dos sujeitos envolvidos, sustentar suas identidades, materializar suas relações sociais e entender suas histórias. Assim concordamos com Boaventura de Souza Santos (p. 21, 2009) quando o mesmo adverte que “começamos a ver que cada um destes tempos é simultaneamente a convocação de um espaço específico que confere uma materialidade própria às relações sociais que nele têm lugar”. Já que cada comunidade carrega suas subjetividades. E é nesta dimensão que existe a “possibilidade de apoio à construção de vínculos sociais entre diferentes segmentos” (Silva, 2012, p.12) por isso este mapeamento tem como ponto de partida compreender as subjetividades de cada grupo social respeitando suas diversidades e particularidades.

Cartografia da ação social e educação: transitando para além da formalidade

As leituras relacionadas à Cartografia Escolar refletem uma insatisfação quanto às práticas pedagógicas realizadas em sala de aula e conseqüentemente alguns autores entre eles Almeida (2001), Oliveira (2007), Souza e Katuta (2008) fazem menção a uma formação docente mais expressiva para diminuir essas práticas descontextualizadas. Sobretudo é necessário reconhecer que a literatura sobre Cartografia Escolar também tem um expressivo chamado de metodologias que os docentes podem utilizar no cotidiano de suas aulas a partir da educação básica: mapa mental, corporal, croquis, maquetes (dentre outros) e recentemente as cartografias participativas. Essas inquietações são objeto de estudo do grupo de pesquisa: “Practica Cartografía Social - Construyendo pedagogias alternativas” formado por pesquisadores e professores da Universidade de Cundinamarca e da Fundação Universitária del Area Andina realizado em Fusagusaga - Colômbia. A finalidade do projeto consiste na construção de mapas que representem seus problemas e convívio coletivo respeitando sua criatividade. Os sujeitos da investigação são estudantes da educação básica, especificamente 7º ano e sua proposta incorpora os eixos: história, geografia da violência escolar e participação democrática em forma de oficinas com base no mapeamento social numa dimensão interdisciplinar.

São iniciativas que vem ganhando destaque e demonstrando resultado, já que são mapeamento que parte dos conflitos nas quais passam os sujeitos sendo eles: alunos, professores, quilombolas, pescadores, agricultor, cidadãos.

Outro exemplo deste mapeamento na sala de aula ou projeto pedagógico em espaços formais de educação foi o trabalho realizado pelos pesquisadores do Lastro/UFRJ: Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação (São Gonçalo, RJ). A investigação tencionou-se na juventude evidenciando suas condições de vida e anseios relacionados à apropriação do espaço urbano. Para conseguir os dados a proposta metodológica teve uma articulação com a metodologia da cartografia ação na qual participaram das atividades cerca de 28 estudantes entre 11-14 anos. Os estudantes produziram alguns mapas que evidenciavam seu cotidiano além de seus desejos para seu bairro/cidade. As atividades focou-se nas questões ambientais, violência urbana, dinâmica da sociedade, cultura e dentre outras temáticas.

Este método de trabalho na escola pode construir e,

[...] promove o encontro entre o saber dos alunos, as técnicas gerais de construção de mapas e a representação simbólica do movimento da sociedade. Constitui-se ainda como processo aberto à incorporação de procedimentos conceituais e o desenvolvimento de jogos que estimulam práticas lúdicas do sujeito do conhecimento no processo de apropriação do espaço urbano (Silva e Schipper, 2011, p. 41).

A cartografia da ação no contexto pedagógico pode levar os alunos a entender o papel do mapa e, sobretudo da Geografia como uma ciência viva e que está relacionada ao seu cotidiano.

Mapa elaborado pelos alunos



Imagem do Mapa elaborado pelos estudantes do Carlos Maia. 2011.



Parte da legenda do mapa fazendo referencia ao Shopping de São Gonçalo.

Fonte: Silva e Schipper, 2011.

Já em espaços não formais de educação (escolas agrícolas, assentamentos associações, comunidades tradicionais e dentre outros) o mapeamento participativo tem como foco atender o chamado dos sujeitos, ou seja, reconhecer e manifestar-se sobre o espaço em que vive. Nesse processo, as comunidades, de forma empírica e fundamentada na vivência cotidiana do território, elaboram mapas e desenhos representando o meio físico

Comentar [TA]: Vê abnt atual sobre isso...

e social em que vivem (MILAGRES et al., 2010). Neste caso reflete-se o espaço agrário e os conflitos no campo as quais perpassam as comunidades.

Neste caso, podemos citar o Mapeamento Biorregional Participativo em comunidades costeiras tradicionais como ferramenta para educação ambiental realizado pelo grupo de pesquisa Maricultura Familiar Solidária - Marsol /UFBA. As atividades são orientadas pela cartografia social com oficinas de mapeamento bioregional nas comunidades tradicionais nas quais envolvem as ciências: Biologia, Geografia, Sociologia e Saúde.

Os exemplos citados anteriormente são pesquisas concretas que apresentam resultados positivos em relação à pedagogia aplicada, tanto em espaços formais quanto não formais de educação a partir dos mapeamentos participativos, na qual atinge a finalidade dos seus públicos alvos (comunidades e alunos). Sobretudo a importância deste mapeamento é sensibilizar estes sujeitos na compreensão do papel como cidadão, fortalecer suas identidades e o pertencimento de sua realidade na qual se caracterizam pelas Cartografias Situacionais “experiências observadas, retratam os conflitos existentes e a situação vivida e enxergada no ambiente urbano e/ou rural na qual se dão as relações pessoais dos jovens que destas participaram” (Reis, 2011, p.06).

Assim reafirmamos que a cartografia é um instrumento de comunicação social e, sobretudo, sua informação é interpretada em diferentes formas, para diferentes grupos e produz diversos efeitos.

Para não concluir...

Segundo Paviani e Fontana (2008) tudo que é novo geralmente gera certa insegurança, porque de um desafio que precisa ser enfrentado, dessa forma precisa-se de uma sensibilidade para pensar e rever práticas pedagógicas que confrontem entre teoria e práxis numa abordagem também interdisciplinaridade que respondam as emergências e dinâmicas sociais.

As discussões aqui explicitadas revelam que a cartografia tem se destacado numa esfera político e social significativa que de certa forma traduz as complexidades das ações sociais que o homem realiza no espaço e por esse cunho de representação o mapa vem sendo um instrumento de lutas dos movimentos sociais. A cartografia escolar possibilita “leituras de mundo” possibilitando os sujeitos “vê” o espaço vivido numa extensão reflexiva. Os PCNs destacam que houve relativos avanços teóricos e metodológicos no ensino da Geografia e Cartografia. Segundo este documento, o aluno passou a ser

orientado a desenvolver uma análise consciente em relação ao mapeamento que estará realizando em sala de aula e por isso significa muito mais do que uma técnica da representação, ela passar a ser compreendida para a leitura do espaço. Nesse seguimento concordo com os PCNs o aluno (e também outros agentes) deixou de ser visto como um mapeador mecânico para ser um mapeador consciente. De um leitor passivo para um leitor crítico dos mapas.

Dessa forma, buscando inserir o sujeito nesta dimensão à cartografia da ação social é uma metodologia que abre a possibilidade utilizar-se destes mecanismos já “deve ser compreendida como um processo complexo que se dá início com a produção da proposta de trabalho que relacione: território, ação, social e vida coletiva” (Silva e Schipper, 2011, p. 46).

E sua dimensão educativa traduz a importância da coletividade, feitas por diferentes mãos o mapa ganha esse caráter participativo uma construção ampliada já que o objetivo do mapeamento não se restringe apenas a sua finalidade, mas um instrumento cuja finalidade também seja a produção coletiva dos diferentes sujeitos e grupos sociais.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola*. Contexto, São Paulo, 2001.

BRITO, F. J. O.; HETKOWSKI, T. M. **A linguagem cartográfica - Discussão e contemporaneidade**. In: 4ª Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação, 2009, Salvador. Anais do 4ª INTERCULTE. Salvador: UNIJORGE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Geografia: MEC/SEF*. Brasília. 1998.

DUARTE, P. A. *Fundamentos de Cartografia*. 3 ed. – Florianópolis: UESC, 2008.

FERNANDES, Felipe Moura. *Do lugar da busca a busca de um lugar: a contribuição de Henry Lefebvre*. Revista Tamoios, v. 1, p. 31-47, 2009

FREIRE, N. C. F.; FERNANDES, A. C. A. *Mapas como Expressão de Poder e Legitimação sobre o Território: uma Breve Evolução Histórica da Cartografia como Objeto de Interesse*. In: Anais III Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação. Recife: UFPE, 2010. v. 1.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira; FERREIRA NETO, José Ambrósio; SOUSA, Diego Neves. O Uso dos Sistemas de Informação Geográfica Participativos (Pgis's) na Representação Territorial de Comunidades. In: Anais Congresso ALASRU, Recife, PE, 2010b.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Cartografia Escolar*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-41.

REIS, F. B. *A possibilidade de integração das Novas Cartografias Sociais no contexto da Cartografia Escolar*. In: XI ENPEG, 2011, Goiânia. XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2011. p 1-6.

RIBEIRO, A. C. T. Cartografia da ação social, região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. In: Hector Poggiese; Tamara Tania Cohen Egler. (Org.). *Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática*. Buenos Aires: CLACSO, 2009. p. 147-156.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, C. A. Cartografia da Ação e a Juventude na cidade. In: Ana Clara Torres Ribeiro, Cátia Antônia da Silva, Andreolino Campos. (Org.). *Cartografia da ação e movimentos da sociedade: desafios das experiências urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

_____. *Cartografia da ação social, região latino-americana e novo desenvolvimento urbano*. Le Monde Diplomatique, Brasil, v. 24, 25 jul. 2009.

_____. *Cartografia da Ação: leituras do espaço e representações sociais*. In: XIII ENAnpur. Planejamento e gestão do território. Escalas, conflitos e incertezas, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: Reis, Daniel Aarão et al (org.), *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Renato Emerson dos. *Movimentos sociais e geografia: sobre a(s) espacialidade (s) da ação social*. RJ: consequência, 2011.

_____. *Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder*. Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-17, 2011

_____. *Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder*. In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica, 2012, Bogotá. Actas del XII Colóquio Internacional de Geocrítica, 2012

SILVA, C. A. *Cartografia da ação e metrópole: compreendendo o território de São Gonçalo e as experiências na escola*. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre: AGB NACIONAL, 2010. p. 1-14.

SILVA, C. A.; SCHIPPER, I. *Cartografia da ação social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade*. Revista Tamoios (Online), v. 8, p. 20 – 2012.

SOUZA, J. G.; KATUTA, A. M. *Geografia e conhecimentos cartográficos: a cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas*. São Paulo: Unesp. 2001.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. *Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência*. Conjectura: Filosofia e Educação (UCB), v. 14, p. 77-88, 2009.